

## ENTRE A ESTÉTICA DO GRITO E A ÉTICA DO CUIDADO

*Guilherme Bernardes Petronzio*

**Resenha:** *Ecos do silêncio – Reverberações do traumatismo sexual*. C. P. França (Org.). São Paulo, Bluchet, 2017. 248p.

Espera-se normalmente que uma resenha aborde desde o seu início os elementos temáticos apresentados em um livro como autoria, contexto de publicação e relevância, no entanto urgem aspectos mais essenciais. A primeira constatação a se fazer é a de que o silêncio antecede o universo do discurso. As palavras se escondem diante da primazia da concretude do livro, pois a primeira relação que estabelecemos com ele é de ordem sensual-estética, permanecendo o protocolo de leitura intermediado pelo gosto e apreciação sensorial da sua forma: quando o encontramos na estante, avaliamos suas cores, textura, tamanho, peso e fragrância.

Abrimos as páginas, chegamos a ler algumas partes, no entanto o nariz e os olhos passam pelas páginas, um buscando a velha novidade e o outro a disposição textual. Pouco importam as notícias que se façam em torno dele ou indicações quanto ao conteúdo, tais coisas nos fazem comprá-lo como objeto ou ideia, mas são insuficientes para dizer sobre sua permanência em nossas mãos ou mesmo da sua pregnância no tempo. Costuma-se dizer, por exemplo, que o bom livro começa pela capa, tomando essa verdade descrita acima. Há divergências e convergências quanto a isso no que diz respeito ao mercado editorial e o público leitor.

Sabemos de longa data que tal constatação não é segura, pois existiram capas belas para histórias terrivelmente mal escritas e existiram capas pessimamente apresentadas mas que guardaram clássicos e histórias de alto valor social e cultural. Outra categoria surge quando tratamos daqueles livros que confirmam a tese editorial e nessa categoria incluímos *Ecos do silêncio – Reverberações do traumatismo sexual*.

## UMA CAPA ILUSTRADA COM CARINHO É BASTANTE SIGNIFICATIVA

Tal livro adequa-se em coerência e coesão entre aspectos visuais-temáticos-formais, a começar pela capa que traz o título “Ecos do silêncio” centralizado e em evidência; mas o que realmente se destaca é a ilustração abaixo do mesmo, representando o conteúdo proposto. Trata-se de uma figura feminina cabisbaixa cuja vestimenta avermelhada contrasta com o azul claro do fundo. Ao que tudo indica, o vermelho aquarelado é a cor do sangue, a marca deixada pela violência, ou, por outro lado, o sangue que também é marca da vitalidade, sinal de algo que ainda corre nas veias e em que se pode vislumbrar esperança. A menina/mulher, não se sabe ao certo, segura um fio que a prende e acompanha. O objeto amarrado a esse fio só nos é revelado quando viramos o livro, ou o abrimos por inteiro sobre a mesa (Não é assim que entendemos o trauma, revelando o lado oculto?).

A representação se parece com a de um ovo quebrado, ou um balão estourado e fotografado no momento exato da implosão (o momento do evento traumático). Se se vê o ovo, imagina-se o mito da criação, a origem das coisas. Se se vê o balão, imagina-se o artigo de festas, belo por fora, “vazio” por dentro. Uma terceira interpretação possível é a do balão-ovo, como em determinada pintura de Salvador Dalí, trazendo a mensagem de uma experiência originária fragmentada e vazia que persiste ligada à figura feminina desenhada na frente do livro e que acompanha o seu caminhar melancólico, pleno de resignação, vergonha e culpa.

A vontade que temos ao vê-la é de cortarmos a linha presa a sua mão ou de juntar as partes do balão-ovo no caso da impossibilidade da primeira. Porém nos questionamos: o que fazer diante de tanto sofrimento aprisionador? Poder-se-ia tomar tais medidas por nós mesmos ou ela as fará no momento oportuno? O livro inteiro presta-se a responder tais perguntas.

## MAS A EPÍGRAFE DO LIVRO JÁ DIZ TUDO...

Flores envenenadas na jarra. Roxas azuis, encarnadas, atapetam o ar. Que riqueza de hospital. Nunca vi mais belas e mais perigosas. É assim então o teu segredo. Teu segredo é

tão parecido contigo que nada me revela além do que já sei.  
 E sei tão pouco como se o teu enigma fosse eu. Assim como  
 tu és o meu.  
 (*Teu segredo*, Clarice Lispector)

A autora optou por omitir trechos da prosa de Clarice Lispector ao utilizá-la como epígrafe do livro. A utilização integral, como colocada acima, não comprometeria o sentido almejado, pelo contrário o complementaria. Mas, pela forma como já está, dando abertura ao livro, foi um achado extraordinário, com total pertinência e precisão, convidando a reflexões teóricas diversas ora kleinianas, ora laplanchianas, entre outros tantos que são convocados nesse breve período lispectoriano. O livro como um todo é a cara da expressão existencial dessa importante escritora brasileira, mulher de diferentes fases e que deu contribuições inestimáveis para a compreensão do ser humano e seu mal-estar, ainda que pelo viés da literatura, aparentemente “ficcional”.

Desde a remota infância Clarice foi vítima de violências que deixaram marcas profundas na sua forma de se relacionar, compreender o mundo e exercer suas atividades cotidianas de jornalista e escritora. A epígrafe certamente incorpora o espírito da experiência dessa autora, essencialmente sublime, órfã de pais judeus pobres e desgraçados pela guerra, confortavelmente exilada porém sempre estrangeira no Brasil, intelectual itinerante, refém dos ataques de ciúme do marido, mãe de um filho esquizofrênico, chamada de louca ao incendiar acidentalmente a própria casa enquanto dormia, chamada de bruxa e morta por um câncer de ovário descoberto tardiamente.

Diante da observação atenta da natureza, essa mulher, através do olhar lírico para a realidade, percebe que esta paradoxalmente aproxima a beleza da devastação, o amor, da destruição, o enigmático, da revelação entre outros tantos desígnios angustiantes e contraditórios. Flores envenenadas na jarra são nossos aspectos psíquicos preciosos e frágeis de alguma forma contaminados pela presença de um outro ainda que firmados em lugar seguro. A criança violentada no seio familiar é a flor envenenada na jarra, conteúdo em continente tóxico. Roxas azuis, ou púrpuras como o sangue venoso que carrega os dejetos do organismo seu e das trocas externas, agora internas, encobrendo o que está acima da pele, vida sufocada pelo determinismo biológico.

A casa é o hospital, residência da doença e da morte, que permite o passivo e permanente convívio com ela, convencionado socioculturalmente. A experiência sublime é fascinante porém tremenda, sabem perfeitamente os poetas e filósofos da estética, mas é a ética que emerge quando se fala do perigo. Perigo do desamor ou falso amor que circula como enigma entre os próximos, amor-paixão que machuca e destrói. Sabe bem ela o que se passa dentro de si, foi colocado, foi roubado, foi usado, à revelia dos mais fortes, é a dureza da jarra. Mas o absurdo disso tudo, mesmo na consciência, é aceitar (engolir em silêncio) o incompreensível do mundo, mundo de puro mistério. Clarice Lispector gritou enquanto pode, mas residia no silêncio introspectivo sua maior fonte criativa em meio ao desespero da existência.

## DE CLARICE PARA LARA, MALENA, LUCÍA, JOSÉ E OUTRAS CRIANÇAS

*Ecos do silêncio* incorporado à alma de Clarice Lispector certamente foi dedicado a essas crianças entre outros inúmeros casos clínicos em que o bloqueio da capacidade de associar livremente e a dificuldade de fantasiar podem ser evidências de uma infância devastada por traumatismos sexuais. Casos nos quais a atividade do analista é constantemente desafiada, chamando ora sua curiosidade para compreensão do movimento contratransferencial, ora provocando uma frustração e conseqüente desinvestimento do processo analítico.

O tratamento com essas crianças demonstrou que a catarse do momento analítico não basta, sendo necessário que se retire o excesso do estranho, reconectem-se as representações afetivas às ideativas, pois “A criança abusada é como um cartucho repleto de culpas prestes a implodir” (p. 23), e sem o cuidado ou manejo adequado pode trazer conseqüências devastadoras.

## PELO CONSTANTE CUIDADO COM AS PALAVRAS

Se há uma mensagem central dada pelo livro é a de que devemos contemplar o sublime por trás da (im)possibilidade do grito ao mesmo tempo cultivar a ética do cuidado, uma ética que luta contra o desmentido sabendo que se trata da negação, descrédito ou ridicularização da realidade do abuso por parte do adulto que gera desamparo, culpa e

incapacidade de simbolização da experiência de sofrimento. A solidão e a submissão são comuns nesses casos (p. 176) e a ausência do acolhimento (falta do testemunho) é tão devastadora quanto a violência sexual em si. A revelação do fato é insuficiente e a imposição de valores sociais tais como justiça e proteção são inadequados, pois a criança ainda carece de elementos para compreendê-los.

Que saibamos, assim como Clarice, cuidar das palavras e assim também cuidar das pessoas. Ela transformou o sofrimento em criatividade, as dificuldades em inspiração literária e a felicidade em beleza lírica. O psicanalista deve, da mesma forma que se presta a pintar o quadro das crianças abusadas, com a sutileza própria da expressão poética, com a mesma delicadeza simbólica da capa do livro, fazer transitar os objetos bons e, através das incertezas, navegar com as crianças no oceano do amor verdadeiro.